

A psicanálise do fim do mundo

(e a política do sinthoma)♦



IV

Interpretar e atravessar

Sumário

A escrita do acontecimento e a interpretação.....	2
Cagado.....	2
A interpretação.....	3
Uma interpretação analítica não é feita para ser compreendida, mas para provocar ondas.....	3
Uma interpretação só é analítica se seus efeitos puderem ser recolhidos em análise.....	3
Uma interpretação cujos efeitos são compreendidos não é uma interpretação psicanalítica.....	4
Uma interpretação depende de um mergulho no furo do soprador (que é o inconsciente).....	4
A interpretação incide sobre o objeto da psicanálise e ele não é complementar, mas suplementar.....	4
O real que não se escreve, pode ser agarrado em uma rede de escrita.....	5
Construir a fantasia.....	5
Atravessar: pós-fantasia?.....	6
O sinthoma e seu artifício.....	8
Anexo: Nossos temas de trabalho.....	9

Boa noite,

Por onde começar? Primeiro a nota que escrevi no Facebook sobre como estou encaminhando intuitivamente as coisas.

Caros,

Acabo de subir a transcrição do segundo encontro. Carla enviará também por mail. Leiam para amanhã se der. Tenho ouvido ecos de nossos encontros. “Você atiça a gente, mas na hora que a coisa esquenta, põe água na fervura”, “Que textos vamos ler?”, “Onde está o Brasil?” “Qual sua posição com relação às polêmicas da AMP”?

Temas candentes devem entrar na discussão, claro, na medida em que nos interpretem (em que coloquem uma questão para a psicanálise). Até agora listei alguns de nosso debate: O populismo, o conceito de povo e a nomeação (Laclau, Negri e Lacan), Os partidos e a Escola de Lacan, O Outro da ecologia e o Outro do mercado, O consenso, o mestre e a eleição.

Seguindo minha intuição gostaria de que continuemos a recensear estes temas enquanto vamos sedimentando um solo mais ou menos comum a partir do testemunho de passe, dos fragmentos clínicos e do tema do fim da escrita (Leiam o Flusser!). Só então, escolheremos alguns deles para passar um bom tempo com eles.

Abraços e até amanhã. Marcus.

Se suspendo o debate é para termos primeiro um solo comum mais firme. Segundo Thereza temos falado um pouco de política e depois ido para a clínica “para relaxar”. Gostei. Enquanto isso estamos registrando os temas que chamei candentes, da cidade, anotando. Veremos do que tratar. Vou recapitular a lista que mandei (cf lista comentada em anexo).

A escrita do acontecimento e a interpretação

Neste seminário quero apostar em dois tipos de material da experiência psicanalítica. O testemunho e o que estou chamando de *haikai* da clínica.

O primeiro, dissemos, é o desafio de tornar crível uma experiência de real (G. Semprum) e inclui no que pronuncia um impronunciável (G. Agambem).

O segundo é uma tentativa de reduzir a escrita de um acontecimento a seu mínimo para deixar claro o que é preciso para “colher numa rede de escrita” (Lacan) o real da psicanálise.

Tenho recebido as propostas de haikai e com o que recebo faço o papel do editor japonês. Do trabalho até aqui já tenho algumas ideias sobre esse material. Partamos de um deles.

Cagado

Andrea Reis

Pedro diz que há muito tempo é viciado no que ele chama de sexo casual, e que isso está atrapalhando muito a sua vida. É homossexual, nunca teve um namorado, e passa noites em claro usando um aplicativo que se destina a encontros entre homens que procuram sexo com desconhecidos.

Não entende o que o mantém na busca pelos encontros já que o sexo que realiza com esses homens não lhe dá prazer e que nada de importante acontece na cama para ele, não sente nenhum prazer, mas não consegue parar.

Digo: Então onde será que acontece o que realmente importa? Na sessão seguinte ele ensaia uma resposta: “Acho que estou viciado é no barulho do aplicativo. Passo a noite com esse barulhinho na minha cabeça”. Pergunto: Tem um barulho que acontece dentro? Em que momento?

Descreve variações da cena: O som do aplicativo, a ansiedade; ele a caminho da casa do desconhecido; o momento em que entra no elevador, o frio na barriga; a espera no hall e o coração quase saindo pela boca na hora em que toca a campainha. Digo: “Então é aí que as coisas acontecem”. Ele consente: “Depois que entro na casa não tem mais graça, mas antes fico pra morrer. Entre o elevador e a hora em que a porta se abre é isso: coração explodindo.”

Pela primeira vez traz uma lembrança infantil: Ele brincando sozinho na frente da casa em que morava com a mãe e os irmãos, na terra, sujo, e vestindo apenas uma camiseta, sem short ou cueca. O pai, que conhecia há pouco pois havia deixado a família antes do seu nascimento, chega, pega-o no colo e entra porta adentro aos berros se queixando do menino estar naquele estado. “Ele sempre foi um bruto, um ignorante, nem imaginou o que seria para mim ser arrastado daquele jeito por um homem que eu nunca tinha visto antes naquela gritaria horrível? Foi um susto enorme. Eu estava todo cagado, imundo de terra”.

Cagado, me parece, foi o significante que traduziu uma mudança de posição fundamental para a abertura ao trabalho, este nome acusa a queda do idílio na relação amorosa com a mãe, como consequência da entrada em cena do pai.

O que fez Andrea? Em vez de se interessar pelo que haveria de tão assustador do outro lado da porta, em vez de se centrar no que seria o objeto do medo, ela prestou atenção nos detalhes, nos significantes-mestres. Isso destacou que o negócio tinha mais a ver com a passagem pelo umbral, com o efeito da soleira da porta. Ela cutuca, tenta chegar perto de um significante, e no “umbral” aparece o “coração explodindo”. Esse é um *shifter*, como diz Lacan, remete ao pai, quando o sujeito também teve o coração explodindo. Passamos, então ao registro da Outra cena, quando entra o pai e produz-se um significante novo, o o cagado.

Podemos chamar de interpretação o que aconteceu?

Para responder a isso quero propor a vocês um percurso rápido sobre a interpretação analítica com base em algumas proposições de Lacan especialmente em Yale. O que distingue e caracteriza uma interpretação psicanalítica?

A interpretação

*Uma interpretação analítica não é feita para ser compreendida, mas para provocar ondas*¹

Dito de outro modo, ela só vale pelos seus efeitos, ou melhor, só é uma interpretação analítica se apenas o for com base no que provoca e não no que é em si. Dessa forma sintetizo e resumo muita coisa, talvez exageradamente. Deixo de lado tudo o que concerne a validação de uma interpretação ou de uma construção, todas as nuances e diferenças clínicas importantes para ficar só com essa coisa maciça. É possível defender que essa tese é essencialmente freudiana, com base em seus escritos técnicos, e especialmente a partir de seu texto *Construções em análise*.² É o que desenvolverá Lacan em seu primeiro seminário. Vamos ficar apenas com o modo como ele resume tudo isso bem mais adiante, em Yale do qual destaquei essa frase. Ela nos tira de boa parte do campo da ciência ou da objetividade médica. A interpretação não é uma injeção, é seu efeito que faz dela uma injeção, isso significa que não há como definir objetivamente a interpretação correta, apenas a posteriori, o que não se faz sem incluir o sujeito e sua pantanosa subjetividade egoica.

*Uma interpretação só é analítica se seus efeitos puderem ser recolhidos em análise*³

Essa segunda proposição, nos traz de volta o registro de uma validação possível. São efeitos que podem ser evidenciados, que entram no campo do saber. Mas é uma validação especial. Não se trata de um saber místico, do tipo “não sei dizer, mas sei que estou melhor”, nem de um saber pragmático, do tipo “se vc está dizendo que está melhor então está”. Não, a análise vai incorporar o efeito da interpretação, faz parte de uma análise alguma elaboração sobre o que ela realizou em uma vida. Os efeitos só são efeitos se puderem ser retomados, ou seja, tem que ser efeitos *no discurso* e não necessariamente ou exclusivamente no mundo.

Foi o que me veio quando lia os haicais. Andréia diz: “cagado me parece que foi o significante que traduziu uma mudança de posição fundamental para a abertura ao trabalho”. Com esse nome houve uma “queda do idílio da relação amorosa com a mãe”, como consequência da entrada em cena do pai. O efeito, de abertura, incide sobre a mãe.

Certo, mas que tipo de efeito? Vamos chamar de efeito de real. O nosso real não é o real do sentido, mas também não é o real do silêncio. O que será?

Uma interpretação cujos efeitos são compreendidos não é uma interpretação psicanalítica⁴

E Lacan acrescenta “Basta ter sido analisado ou ser analista para saber isso”, ou seja, novamente deixa claro que é um saber de experiência e não de aprendizagem. E esse saber de experiência não se objetiva, não se compreende, não se reduz ao que se pode dizer dele. Se não houver esse efeito de um “a mais”, que a incompreensão registra, essa interpretação não é uma interpretação psicanalítica. Isso significa que se os efeitos são apenas terapêuticos não é uma interpretação analítica. Sim, porque efeitos terapêuticos são sempre compreensíveis. Efeitos terapêuticos são ótimos, você vai poder contar, já ouvi “ela engravidou, teve uma promoção no serviço”, efeitos terapêuticos são efeitos palpáveis, efeitos palpáveis são importantes, mas muitas coisas tem efeitos palpáveis e isso não seria interpretação analítica. Os efeitos de sentido e terapêuticos não são específicos da psicanálise. Não é que a gente não possa dizer: “eu interpretei, saiu melhor, ele entendeu tudo”. Graças a Deus isso acontece na análise também, mas há também alguma coisa estranha. Entendo que Lacan inclui na definição de interpretação uma incompreensão essencial e não um desconhecimento eventual. Alguma coisa desconhecida pode, um dia, ser conhecida, a incompreensão do que o inconsciente abarca traz sempre o sentimento de a um “a mais” que não vai dar para entender, por mais que se entenda muita coisa.

O efeito da interpretação é sobretudo mais material, é um dos pontos centrais para Freud para caracterizar uma interpretação que surtiu efeito. Lacan acrescenta que este material não é qualquer um, mas aquele que inclui o que não se entende. Isso não seria um efeito de poesia?

Uma interpretação depende de um mergulho no furo do soprador (que é o inconsciente)

5

Estou me apoiando em uma passagem de Lacan lida por E. Laurent. “Soprador”, aqui, é aquele dispositivo do teatro clássico em que alguém, em um buraco aberto no chão do palco, fica, ali, embaixo “soprando” para os atores falas esquecidas. Lacan fala de mergulho neste furo como passagem ao ato, mas toda a passagem concerne a interpretação. Laurent insiste que não basta desenhar o furo do soprador, é preciso mergulhar nele para concluir a análise. Proponho que desde o começo já há mergulho ali. O soprador é outro modo de falar do umbigo do sonho, mostrando que o umbigo fala, a interpretação de um sonho não tem que ficar na borda consentindo em calar-se diante do indizível, mas mergulhar nele e dali extrair alguma coisa, tal como fez Freud com a garanta de Irma em seu sonho inaugural.⁶

O que virá, virá descolado do campo onde se insere, claro, pois vem de um furo neste campo. Neste sentido, talvez sim, a interpretação analítica se especifique por seus efeitos de ressonâncias, como a poesia, mas sobretudo as assemânticas e não as semânticas.

Que coisa é essa que está no furo do soprador? No umbigo do sonho? Lacan dirá que é o objeto da psicanálise, seu objeto “a”.

A interpretação incide sobre o objeto da psicanálise e ele não é complementar, mas suplementar⁷

A metáfora de Lacan nesta conferência é excelente.⁸ Ele diz: o objeto da psicanálise é

alguma coisa que falta, mas não como o pão escasso e sim como os brioches ou *croissants* que Maria Antonieta mandava dar ao povo naquele célebre dito. São dois regimes bem distintos da falta. Sem demonstrar, para isso teríamos que fazer a diferença entre um objeto complementar e um suplementar (remeto vocês a J. Derrida). O primeiro é explicitamente desejado, faz falta, o segundo também falta, mas é mais uma presença bizarra, uma excrescência, que desejado. É a diferença que faz Lacan entre objeto do desejo e objeto *causa* de desejo. Em outros termos, segundo Lacan não é possível querer o pão escasso se não tivermos alguma relação com o croissant com aquilo que não dá nem para desejar, mas que sustenta a possibilidade do desejo. Ainda de outra forma, os revolucionários queriam a revolução para ter pão, mas tendo como pano de fundo a vida da nobreza, ou então a destruição da nobreza, só nesse contexto o desejo de pão podia se inscrever.

Mas como incidir sobre este objeto excrescência? Como fisgá-lo? Como agarrar alguma coisa que não se encaixa com nada que está em volta, com nenhum dos sentidos que tentam dizer o que é? Como dizer alguma coisa daquilo que um sonho traz e que não se encaixa com nada?

*O real que não se escreve, pode ser agarrado em uma rede de escrita*⁹

Lembrando que para isso é fundamental o que dissemos da última vez a partir de Karen Blixen: há que se respeitar a história, em nossos termos, não se pode pular nenhum significante-mestre.¹⁰ A partir daí, desenhado o campo, a interpretação é como uma pedra jogada nessa lagoa, ou melhor, é quando um peixe pula para fora da água e depois retorna. Os efeitos de uma interpretação são ondas, marolas, desenvolvendo-se a partir de alguma coisa que não consigo enxergar, mas que por aproximações sucessivas começa-se a desenhar. “A interpretação analítica não deve ser teórica, sugestiva ou seja, imperativa, ela deve ser ambígua” diz Lacan. E podemos acrescentar, não adianta ela ser só ambígua, ela tem que materializar um objeto ambíguo, para o qual não consigo dar um sentido fechado.

Construir a fantasia

Estruturalmente podemos dizer que existe o tempo da construção da fantasia, essas aproximações sucessivas do objeto “a”. A cada interpretação uma aproximação. Construção porque na análise você não vai abrindo e encontrando esse objeto, você vai, procurando, falando e encontrando as invariantes do lago, da fantasia. Já estavam lá? Ou você nomeia, recria, o que estava lá? Um pouco as duas coisas, há artefato, por isso você constrói, reconstitui alguma coisa.

Um sonho de W. Benjamin¹¹ sobre a Notre-Dame no centro de Paris, para mim, é o exemplo de uma figuração do que vai se apresentando quando se constrói a fantasia. Você se depara aos poucos ou de uma vez com alguma coisa que você sempre estava presentindo. E que por conta de toda essa operação acaba por tornar-se um pouco mais companheira.

(...) "estava à margem esquerda do Sena, diante da Notre-Dame (...), mas não havia nada que se assemelhasse a ela. Somente os últimos níveis de um edifício de tijolos ultrapassavam um alto tapume de madeira que o envolvia. Estava em Paris, mas (diante deste prédio no coração de Paris) a saudade de Paris me invadia. De onde vinha esta saudade? E este objeto completamente deformado, irreconhecível? É que, no sonho, eu me tinha posto demasiado próximo. A incrível nostalgia que havia se apoderado de mim aqui, no coração do objeto desejado, era aquela que (...) prescinde da imagem (dele)".

O umbigo do sonhos para Lacan se toma como este objeto. A incidência das sucessivas sessões, interpretações, pontuações e cortes, vai pacientemente delineando-o, recortando contra o fundo das tantas histórias. Ele é feito daquilo que nelas se repete sem servir. Ele seria, por exemplo, a montagem de fragmentos variados do amor de Benjamin por Paris que nele não couberam, por isso perto demais, necessariamente só meio visíveis. Esse objeto concentra a vida que não cabe na vida que se leva, o gozo do corpo em excesso com relação ao próprio corpo. Só pode ser aproximado assim. Portanto, se o real é o coração disforme da subjetividade, ele não é Um saber, nem mesmo Um furo, mas uma coisa que se vai descobrindo, um tanto de saber, um tanto de gozo, uma composição de restos. Ele será sempre assim, como a Notre Dame de Benjamin, objeto disforme envolto em tapumes no coração de sua enorme Paris, cheia de luzes e passagens.

“[Que saudade era essa que prescindia da imagem?] Era a saudade feliz (o sentimento) que, tendo ultrapassado o limiar da imagem e da posse, conhece apenas a força do nome, da palavra, a partir da qual o ser amado vive, se transforma, envelhece, rejuvenesce e – por não ter imagem – é o refúgio de todas as imagens”.¹²

Dá para perceber como esse é também o tempo do atravessamento. O limiar do que faz um objeto um objeto diante de mim, foi transposto.

O que é atravessamento para Oscar? Ele fala em termos bonitos: “desaparecer sem morrer”. Posso desaparecer, sem morrer, por isso posso ser analista.

Participante: o que é a travessia da fantasia? É um conceito clínico? É muito difícil. Tanto é que a proposta dos passes passa algo que os analistas podem relatar essa experiência. Lacan, que Miller retoma diz que “é o distanciamento em relação ao gozo idealizado do objeto *a*”. Miller, novamente, fala em fratura, ruptura da fantasia. A pergunta mesmo é: “a travessia da fantasia tem um tempo lógico determinado? Ou ela recobre toda a experiência analítica? Qual é o determinado momento que em cada pessoa, podemos mais ou menos localizar? Em algum momento da análise ou se é, toda a experiência da análise?

Atravessar: pós-fantasia?

Lacan retoma a expressão “fantasia fundamental” como maneira de destacar um aspecto das fantasias da gente que lhe parece fundamental. O que importa não são tanto as fantasias que a gente faz, mas a estrutura delas no que a gente faz. Se a fantasia é uma espécie de ordenação da gente mesmo, como podemos sair dela e não deixar de ser a gente? Quero que vocês fiquem com o paradoxo e não com a solução. “Atravessar”, referência do *Seminário 11* me parece uma boa metáfora para esse paradoxo, a gente atravessa sem sair, como se passássemos para o outro lado do espelho.

A análise de Oscar Ventura não para aí. Ele já encontrou o objeto, já se desidentificou dele, porque continua? Ele está entrando numa área pós-fantasia, o que não é bem verdade já que não há nenhum lugar nenhum para além da fantasia. Ele é só isso mesmo, nojo e/ou morto, mas abre-se um espaço para a pulsão “fora”, aqui Lacan coloca a seguinte pergunta na última lição do *Seminário 11*: Como viver a pulsão, quando se atravessou a fantasia?

A gente muda muito numa análise, vamos deixando de ser o que éramos na nossa estruturação fantasmática, vamos sendo outra coisa, chega uma hora que conseguimos fazer essa outra coisa estar na vida. Tudo fica igual, mas essa outra coisa entra e sua entrada

perturba tanto a vida que ela fica diferente. Você está igual, mas é como se tivesse um a mais, é mais ou menos assim que os relatos de passe dão conta da experiência.

Qual é o fim do mundo para nós? O nosso fim do mundo é o fim dessa existência presa a uma escrita, supondo que a fantasia possa ser aproximada de uma escrita. Temos dificuldade de acessar essa escrita, por isso fazemos análise. Não encontro, mas percebo que é como se estivesse ali “a prescrição insensata do médico”, o eco dos dizeres do Outro em meu corpo. Abordamos na análise essa prescrição do Outro como se ela estivesse escrita e pudéssemos editar, mexer. O atravessamento da fantasia é um pouco não mais editar, mas se afastar um pouco e sorrir daquilo.

Quero dramatizar isso com a análise de Oscar. Eu faria coincidir o atravessamento com o momento de desidentificação na passagem *nasço-asco*. Como fica tudo depois? Tudo parece ter mudado, mas foi necessária uma volta a mais. Aparece um zumbido – um ruído constante nos ouvidos que toma o corpo. Ele não trata isso como sintoma de conversão nem vamos tratar, senão ele estaria dentro da fantasia. Pensem que ele nunca tinha tido esse sintoma, tratá-lo a essa altura como uma conversão como outras não faria sentido.

Como ele trata o zumbido? Considera que vem de fora, que não passa pela fantasia, não passa pela sua grade de leitura das coisas. Ele não fica tentando entender o sentido do zumbido, pois sabe que para entender teria que passar de novo pelos óculos da fantasia. Procura, então, um analista que diz ter escolhido por “um traço de sensibilidade que lhe atribuo e por sua extimidade com relação à língua materna”.

Estamos em um espaço de interlíngua e a esse analista, neste espaço, ele apresenta o zumbido e a resposta é “você não consegue esquecer”, o que faz o zumbido desaparecer. Desapareceu, mas não creio que porque houve interpretação. Essa presença de um gozo fora do enquadre da fantasia estava lá e é trazendo o para dentro da transferência, que essa análise vai lidar com ele. Não é uma interpretação porque não extrai o objeto. Não apresenta o gozo do morto, melancólico, nem o gozo do nojento, mas inclui na transferência esse gozo estranho que aparece como zumbido e que chamamos de gozo opaco, em contraposição ao gozo condensado no objeto “a” que tem sempre alguma ligação com o sentido.

A seguir, neste espaço, uma intervenção crucial. Ele diz “eu ficava com meu analista contando a história de como as pessoas morreram mal...

(...) idealizava personagens por seus traços de gozo, mais que por suas produções que me apaixonavam, heróis de não se sabe bem que martírio. Podia deter-me nas vidas de homens como Silberer, que se suicidou, Tausk que também se suicidou, Federn também, o último Ferenczi que declina em direção à loucura e à morte. Abraham, o rei da pulsão oral engasgado com uma espinha de peixe, causa de sua morte.

O analista lhe diz: “que vidas de merda de todas essas pessoas que você relata”. Ele percebe, então, que tentava ainda uma parceria com o Outro “como se o Outro fosse reagir às minhas misérias”.

Não era uma “recaída”, acho que não, uma coisa é ele estar se fazendo de miserável, atuando, outra coisa é ele buscar essa parceria. É alguém meio-fora tentando voltar. Mas o analista se recusa a isso. Não é tão fácil. É preciso decisão por parte do analista.¹³

Participante: o analista sai de cena, deixa ele sozinho.

Se o analista não é o parceiro, quem será? Lacan. Só Lacan para responder a esse gozo fora de qualquer enquadre. Lacan seria o último enquadre, a última tentativa de encontrar um

Outro do Outro. Cuidado, não vamos subestimar esse momento. O sujeito está esse tempo todo fazendo análise, e ainda quer uma análise com Lacan! Não é isso. Se isso acontece no começo da análise, poderíamos dizer: “esse aí tem que fazer muita análise”, mas não é o caso. Ele está lidando, parece com o Outro da ecologia, o Outro do mercado, não é um Outro que responde. É o Outro de alguém muito sozinho.

Participante: era um momento em que não havia mais nada para falar, para marcar o fim da análise.

Participante: você fala em processo, mas lembro de sua frase: “eu tive certeza que minha análise tinha terminado naquele momento”

Você está falando do meu testemunho? É verdade, mas acho que disse “tive certeza de que a transferência tinha acabado”, quando interpretei um sonho, digamos, absolutamente sozinho. Nos dois casos o analista usou de barulhos aparentemente sem sentido. O mesmo analista. Mas os efeitos foram bem diferentes. Eu ficava na dúvida: “será que ele está fazendo de propósito?” Isso me deixava louco, podia passar a noite ali. Eu não queria saber, não suportaria saber se ele estava roncando ou não. Na minha análise, esses momentos têm um valor, no relato do Oscar outro. A situação do Oscar é mais “ali não tem ninguém para mim”.

O sintoma e seu artifício

Ele está nesse Outro que é Lacan, e aí aparece um sonho, comum, que poderia ser de começo de uma análise, mas vamos assumir que não é.

No sonho, ele está sobre a quina do telhado de um edifício, do lado de fora, e pensa que deve deslocar por essa quina até a varanda para garantir sua estabilidade. Quando ele chega até a varanda – solo firme – entrou na fantasia. A varanda é o lugar onde a pessoa se reconhece. Quando ele cai “para dentro” da varanda, cai alguém “para fora”. Ele pressente uma sombra, uma figura que salta por cima dele e cai no vazio.

Quando o sonhador chega lá embaixo pergunta: o que aconteceu? E ouve: “É um sueco”. Acorda. Poderia não ter feito nada com esse sonho, ou dado a ele um sentido bem razoável: o morto morreu. Não seria inverídico, mas perderia o essencial, que era agarrar essa presença. Não é a presença do analista, porque ela já não era mais nada. O sonho interroga essa presença, que ele chama de eco do Outro e introduz uma figuração para essa presença. Não era também a presença do que sou eu no desejo do Outro, ou seja, a presença da fantasia, da minha escrita, da minha história, daquilo que me faz ser eu, essa presença está na varanda.

O sonho tem dois lados, a varanda a o chão lá embaixo, mas é somente da terceira margem do rio do sonho, da margem da vigília que ele poderá nomear essa presença.

Quando ele acorda ele secciona o significante sueco, em su-eco [seu eco] então ele considera que esse sonho assinala um fazer-com essa presença. Parece com o *nasço-asco* porque é um equívoco significante, mas esse “sueco” é o analisante quem faz, não seu inconsciente. Ou então ele o faz com base em seu inconsciente, ele interpreta seu inconsciente.

É um artifício para colocar em outro lugar o paradoxo. Ao mesmo tempo o eco morreu, mas também está aqui, passou por aqui. Estou forçando um pouco, ele não fala assim, mas queria ficar com essa ideia. Sueco torna operatório o paradoxo do atravessamento da

fantasia, atesta um saber-fazer com essa presença que não está incluída na fantasia que podemos aproximar do que Lacan chama de gozo opaco do *sinthoma*.

Participante: tem alguma coisa da língua estrangeira.

Tem elementos de chiste e de interpretação, mas eu diria que é um chiste que interpreta o inconsciente e não o sonhador.

Este tipo de alteridade-presença é muito difícil de acessar. É a que está em questão quando Laclau fala em *povo* e Lacan fala de Joyce. Costumamos chamar de *sinthoma*, é uma alteridade geléia, *nãotoda*.

Participante: o sonho do final da análise, elucidando algo aí, do *sinthoma*.

Lembrem que o inconsciente é a fantasia, O inconsciente não tem o segredo desse Outro, a não ser que você chame de inconsciente real, o inconsciente tal como a gente chama, o inconsciente transferencial, põe em jogo o “eu sou melancólico”. Ele não tem como dizer dessa presença *nãotoda*, gozo opção, em uma vida que por definição escapa a ele.

Para esse Outro, precisamos das palavras, não para interpretar, extrair fala, mas para nomear, localizar, fixar com um resto de ficção, por isso aliás Lacan no *Aturdito* inventa o neologismo *fixão*.

Concluo com o mágico poder das palavras, que vai da interpretação à nomeação e muito mais, com Foucault falando do valor das palavras, não conferi a referência, encontrei em um artigo na internet.

(...) uma palavra é um paradoxo, é o milagre, maravilhoso azar, acaso, de um mesmo som, por razões diferentes, por pessoas diferentes, vivendo coisas diferentes, foi sendo retida ao longo de uma história. Uma palavra é a encarnação da série improvável, do dado que sete vezes seguida cai do mesmo lado, pouco importa quem fala, e como fala e porque fala, utilizando qual vocabulário, esses barulhos são os mesmos e validamente retidos”.¹⁴

Anexo: Nossos temas de trabalho.

1. Como conduzir esse seminário.;
2. Estado de Direito e as Redes;
3. A EOL e os Partidos;
4. As Ocupações e o tema do fim;
5. A ditadura líquida do mercado e o outro responsável da ecologia.

Clarice: Recebi e-mail convidando para uma atividade, o Seminário coordenado por Jésus Santiago e Ram Mandil na Seção Minas.

O seminário pretende produzir um debate a partir da orientação implementada por Jacques-Alain Miller no sentido de uma reconfiguração da relação entre psicanálise e política: “ A psicanálise nunca se contentou em ser “clínica”, ela sempre teve uma parte ligada à uma “política de civilização” (Edgar Morin), recordará Miller em recente publicação. Se Freud foi capaz de diagnosticar um mal-estar na civilização e se Lacan – a partir de uma interpretação de maio de 68 – construiu os quatro discursos, trata-se agora, para Miller, “de dar o passo seguinte e de ocupar um lugar no debate cidadão mundial: temos muito a dizer tanto sobre os discursos políticos quanto sobre as figuras (*personnes*) políticas”.

É uma atividade de Zadig. Romildo e eu, somos os correspondentes no Rio de ZADIG: *Zero Abjection Démocratique International Groupe*. ZADIG é a rede de trabalho e *HERETIC*, a revista. Um coletivo que tem uma espécie de conversação permanentes sobre temas da cidade.

Participante: A posição do Miller não é da AMP. É uma posição particular.

A posição do Miller é a posição do Miller, não é a da AMP: *Associação Mundial de Psicanálise*. Ela é uma instituição, funciona de outra maneira, mas se orienta pelas parâmetros da proposta de Miller.

Porque não começamos uma discussão aqui e agora sobre o Estado de Direito? Teríamos que parar, pegar um texto, convidar pessoas. Já estamos recenseando.

Essa discussão do Estado de Direito não é a mesma Partido-Escola. Listei dois temas, essa é uma discussão vital para a EOL. A Escola foi recortada por diferenças partidárias, muito fortes, até hoje.

No último encontro Gabriel trouxe toda uma questão sobre o conceito de povo. O debate do Alemán, baseado no debate anterior de Ernesto Laclau, que tem toda uma força na Argentina, sobre o populismo. Um número de membros da EOL – não sei se é verdade – que partiram da ideia inspirados nos conceitos lacanianos que poderiam ser aplicados na política, isso promove uma série de teorias. Ao invés de ir para lá foram para outras Escolas, isso pode ser uma das explicações para as dificuldades da EOL. Lá também, retomar essa discussão.

Essa discussão da EOL e os partidos, não sei se poderia ser a nossa. Eu colocaria primeiro, o tema “Estado de Direito”. Mas a da EOL é boa também, pode entrar num terceiro momento. Na história da EOL aparece a figura do Jorge Alemán, tem uma palavra importante, é um grande expoente desse tipo de trabalho teórico do populismo, sobre o povo, a esquerda lacaniana. Sempre nessa ideia que é um pouco como Lacan.

Alemán, escreve algumas coisas que provoca um certo número de tensões e polêmicas. Na EOL provocou tempestade, aqui foi um negócio meio de longe. Até ai está dentro da discussão Partido-Escola.

Agora, nesta semana ele falou outra coisa, escreveu uma notícia no Facebook sobre o fim da psicanálise, ai “o pau comeu”. Essa não é a mesma discussão.

Não tem nada haver com partido, é outra coisa, é a maneira dele pensar sobre o que está acontecendo com a psicanálise, com relação as instituições da psicanálise.

Quando digo “o fim da psicanálise”, não estou dizendo que é o fim das instituições, não é o fim da EBP, não é o fim do campo freudiano, é o fim da psicanálise no sentido heideggeriano que ele trabalha no livro que cita. Foram respostas pesadas, algumas. Outras boas. Retenho, a do Miquels Bassols, que me parece que mais pode nos servir e tem a ver com a gente. O essencial da discussão está na Revista, Lacan Cotidiano. A diferença que Bassols propõe entre fim e finalidade a partir da pulsão me pareceu interessante. Tem a finalidade que é a satisfação e o fim que é objeto ou o contrário e ele supõe que ali está faltando essa diferença. É uma diferença que Heidegger a principio não faria.

De qualquer maneira foi muito bom constatar que estavamos falando aqui de fim do mundo muito antes deles, eles estão falando do fim do mundo e nós estamos falando do fim da psicanálise.

São muitos textos, recomendo a leitura para decidir de que maneira isso pode nos ajudar. Na verdade ainda não tratamos do tema do fim, tem apenas uma hipótese que é “que tal a gente pensar o atravessamento da fantasia como um fim?”.

O tema do fim pode ir para tantos lugares, minha proposta desde o começo é “ao invés de discutir o fim em vários lugares, vamos discutir o fim da escrita?”

Acho que é isso que vai fazer o link, o fim do humano foi um dos temas que lancei: o fim dos corpos, do romance, da canção. Proponho que fiquemos com o fim da escrita, é por isso que não estou avançando nessas coisas, estou adiando. Depois que a gente passar pelo fim da escrita podemos falar do fim, mas a partir do Flusser. É por isso que estou adiando. Se a ideia da clareira do ser para Heidegger, o espaço do fim que nos interessa. “a clareira do ser se opõe ao círculo queimado da mata das funções”. Qual o texto que tem isso Renata? Tem na dissertação dela. É como Lacan está falando do final na metáfora lacaniana. Precisamos saber como isso se articula.

O primeiro tema é como conduzir esse seminário. O tema dois é a ideia do Estado de direito, três é a ideia do partido: EOL. A discussão com Recalcati. Acho que não vai sair coisa nova. Tem a Simone Weil com o texto, a ideia do povo, do populismo com Laclau, Povo, hegemonia, objeto a , nomeação.

As Ocupações podem entrar como discussões práticas sobre isso: o que é a constituição sobre esse fenômeno da constituição de um povo. A ideia dele é, por cima de um nome constitui-se um povo localmente?

O tema do fim esse é o próximo, a psicanálise, não das instituições, proposto por Alemán, muito discutido, aqui a discussão nova, acho que vai ser a discussão entre Heidegger e Lacan. Sobre o pós-humanismo, estamos subordinando o tema da escrita. A ideia é *O crepúsculo da escrita e a plasticidade*, Catherine Malabu¹⁵, anexado pelo Erick Felinto no Facebook, li e acho que esse é o mais próximo. Crepúsculo da escrita, fim da escrita é uma referência a Derrida e a plasticidade é um pouco a confusão dos temas de hoje. É bem mais sofisticado do que o Flusser¹⁶ que é mais pé no chão, imediato. Mais as ideias são parecidas. A ditadura líquida do mercado e o outro responsável da ecologia.

Não-toda, geléia, não é a ditadura dos militares. Depois que Renata trouxe a referência, eu fiquei com isso na cabeça, o mercado nos oprime mas não no estilo dos militares, ele nos oprime no estilo da sociedade de controle, ao invés da sociedade disciplinar, Foucault, não-tudo, biopolítica. Biopolítica de um lado e a ideia do controle, do mercado como sendo tudo e nada, tudo pode acontecer, nada pode acontecer, isso não dá um interlocutor que nos oprime, um locutor que nos penetra, observa, e faz a gente ser o que ele quer, é muito mais do lado da psicose do que da neurose.

É uma hipótese de leitura, essa hipótese, arrumei no meu livro Restos¹⁷ num verbete chamado Miller, quem quiser referência, está lá. Posso recortar, colar e enviar.

A água vai subir, não é plástico, numa situação em que você nem sabe onde está pisando, sabe onde está pisando, a água vai subir, mas não se sabe quando. Não vai adiantar fazer nada, a água vai subir. É uma maneira de entendermos o que é o caldo cultural, onde as pessoas estão vivendo. Algumas pessoas estão se formando nesse caldo, a sensação que o Outro de base não é o o Outro do mercado, que é a hipótese do Viveiros de Castro e Déborah Danowski. Uma hipótese a discutir, mas bem razoável, fiz a diferença entre a ecologia das encostas e a ecologia dos alagados no Rio de Janeiro. A das encostas é o Outro tradicional, do mercado, mercado já virou tradicional, e a outra essa não tem jeito é diferente, você está construindo um lugar que você vai morrer, tem que construir na montanha, não pode construir aqui. "Ah! Mas não vai chegar na minha vida". Sabe-se lá.

Participantes: as encostas podem cair?

Podem cair dependendo do que você fizer, ou do que você tenha feito, dependendo do que você fizer, pode não cair, esse é o Outro da contingência, esse Outro "das novas gerações da ecologia", não é contingente, vai acontecer, tem uma variação aí, você não sabe como nem quando, mas vai acontecer. É outro regime da contingência que temos que interrogar. É difícil achar em Lacan, a não ser quando ele fala do final de análise ou psicose, do Joyce. Qual é o Outro do Joyce? É o parceiro com quem ele escreve.

Neste link vocês podem ler o início da discussão sobre o fim da psicanálise, incluindo a nota de J. Alemán que lançou a coisa. (<http://www.lacanquotidien.fr/blog/wp-content/uploads/2017/06/LQ-713-AB.pdf>).¹⁸ Como vocês poderão ver no LC, Alemán não está usando a ideia de "fim" do senso comum, mas no sentido de sua leitura de Heidegger, um pouco como um ponto em que é preciso pensar fora do espaço do pensamento de um discurso para poder fazê-lo avançar, o que significa também que ele não será mais a não ser como um discurso novo. Miquel lembra o quanto é preciso introduzir o objeto, contingente, nisso. Senão tendemos a ficar só com um pensamento sem objeto. Esse é provavelmente o ponto em que Lacan se separa de Heidegger, opondo a seu ser-para-a-morte, o ser-para-o-sexo.

Miller propõe um trabalho coletivo: múltiplo, articulado e debatido; o estado de direito: e o direito à fala; Discutir o direito a fala; recusa do partidarismo: em referência a um texto de Simone Weil que está publicado em *Heretic* (cf. Anexo).

♦ Este texto reproduz o encontro do seminário do ICP-RJ “A psicanálise do fim do mundo” ocorrido em 08/06/16, transcrição Cida Malveira, revista pelo autor.

¹ Uma interpretação é feita para provocar ondas.----- (1975) Conférences et entretiens dans les universités nord-américaines. 5-61. Scilicet 6/7, Paris, Seuil, 1976. p. 16.

² Cf. Miller, J.A. Marginalia de Construções em análise.

³ É "indispensável que o analista seja ao menos dois. O analista, para que os efeitos possam surtir é o analista quem, estes efeitos, os teoriza" (LACAN, 1974).

⁴ Cf. Lacan, J. “A cura vem por acréscimo”.

⁵ « En aucun cas une intervention psychanalytique ne doit être théorique, suggestive, c’est-à-dire impérative ; elle doit être équivoque. L’interprétation analytique n’est pas faite pour être comprise ; elle est faite pour produire des vagues. Donc il ne faut pas y aller avec de gros sabots, et souvent il vaut mieux se taire ; seulement il faut le choisir. Il faut avoir été formé comme analyste. Ce n’est que lorsqu’il est formé que, de temps en temps, ça lui échappe ; formé, c’est-à-dire avoir vu comment le symptôme, ça se complète. Dans l’analyse, il n’y a scène que lorsqu’il y a passage à l’acte. Il n’y a passage à l’acte que comme un plongeon dans le trou du souffleur, le souffleur étant bien sûr l’inconscient du sujet ».

http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_8/O_passe_restos_de_identifica%C3%A7%C3%A3o.pdf Opção Lacanianana online nova série Ano 3 • Número 8 • julho 2012 • ISSN 2177-2673

⁶ Cf. Lacan, J. Sem II

⁷ http://www.litura.com.br/artigo_repositorio/fora_do_discurso_pdf_1.pdf “Digo que um dizer se especifica pela demanda, cujo estatuto lógico é da ordem do modal, e que a gramática o atesta. Um outro dizer, segundo entendo, é ali privilegiado: é a interpretação, que, por sua vez, não é modal, mas apofântica. Acrescento que, no registro da lógica de Aristóteles, ela é particular, por concernir ao sujeito dos ditos particulares, que são — *nãotodos* [*ne sont pastous*] (associação livre) — ditos modais (a demanda, entre outros). A interpretação, como formulei na época, concerne à causa do desejo, causa que ela revela, e isso pela demanda, que envolve com seu modal o conjunto dos ditos” (Lacan, J., *Outros Escritos*, p. 474).

⁸ “O objeto da psicanálise não é o homem; é aquilo que lhe falta — não uma falta absoluta, mas a falta de um objeto. Também é preciso nos entendermos quanto à falta de que se trata, aquela que põe fora de questão que se mencione o objeto. Não se trata do pão escasso, mas do bolo a que uma rainha remeteu suas massas em tempos de fome. É essa a unidade das ciências humanas, se vocês quiserem, ou seja, ela faz sorrir, se não reconhecermos nela uma função de limite. Ela faz sorrir de um certo uso da interpretação como passe de mágica da compreensão.

⁹ “Vocês poderiam me objetar: para dizer que a relação não se escreve você escreve. Sim, mas o que eu tento é colher em uma rede de escrita a questão sexual” Lacan, J. O Seminário, livro 19, Rio de Janeiro, JZE, 2015, p. 98 ou 100 (fr).

¹⁰ Não se deve nunca pular um significante, é na medida em que um significante não nos para que compreendemos (ibid 145 ou 151).

¹¹ Benjamin, W. *Rêves*, Paris, Gallimard, 2009, p. 55. Texto Publicado no Facebook no curso anterior: O Livro de Bolso do Psicanalista Cidadão.

¹² Comunicação apresentada na plenária “Narrativas de si” no Colóquio Internacional: Subjetividades e Montagens Corporais no Mundo Contemporâneo, Rio de Janeiro, UFRJ (Programa de pós-graduação em teoria psicanalítica), 23 a 25 maio 2013 (fragmento).

¹³ Vale conferir como S. Zizek testemunha com clareza como J. A. Miller, seu analista fazia isso com ele.

https://www.youtube.com/watch?v=ft_LrUUrD_4

¹⁴ Foucault, M. Apud, Porge, E. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372013000200006.

¹⁵ Consta da Bibliografia sugerida que se encontra no Facebook por Erick Felinto. Catherine Malabou, “*Plasticité au Soir de l’Écriture*”, catherine-malabou-la-plasticite-au-soir-delecriture-dialectique-destruction-deconstruction.pdf

¹⁶ Flusser, Vilém. *A escrita - Há futuro para a escrita?* São Paulo: Annablume, 2010.

¹⁷ Vieira, Marcus André. *Restos – uma introdução lacanianana ao objeto da psicanálise*, Rio de Janeiro, Contracapa, 2009.

¹⁸ Cf. Alemán, J. “Cada deriva tiene su fin, aunque sea el más inesperado en relación a su objeto y el más funesto para el sujeto que lo sufre. Entiéndase “fin” en su sentido más freudiano y “deriva” en el sentido con el que Lacan tradujo el concepto de Trieb (pulsión) pasando por el inglés: es el “drive” (pulsión) que se convierte en “dérive”, en la deriva que pasa a través de las lenguas. Entonces, cada Trieb tiene un Ziel (fin). El fin de la pulsión es siempre la satisfacción, tal como sostiene Freud en “Las pulsiones y sus destinos”. Pero ¿cuál es su Objekt, su objeto? La pulsión es, en efecto, deriva que sólo busca su satisfacción a expensas del sujeto y del placer homeostático del Yo. Y ello en la contingencia del encuentro con un objeto que —esa es toda la cuestión, estimado Jorge— se revela siempre distinto con respecto al fin de la satisfacción. Dicho de otro modo: el fin del goce no es su objeto, se goza con un fin —no siempre el mejor— pero el objeto está en otra parte —no siempre confesado ni confesable—.”